

# Crianças e literatura: múltiplos encantos

*Fabiana Cristina Ventura*<sup>1</sup>

*Laura Noemi Chaluh*<sup>2</sup>

## RESUMO

A leitura literária é essencial para e na formação humana, ao ler o indivíduo interage não apenas com a palavra escrita, mas com outras experiências, portanto, ler conduz ao encontro com os outros e consigo mesmo. O presente trabalho versa sobre uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, desenvolvida em uma escola pública da Rede Municipal de Ensino da cidade de Rio Claro/SP. A mesma teve como objetivo analisar as formas de abordagem da literatura infantil e juvenil em uma sala de aula. Neste artigo compartilhamos nossa experiência ao acompanhar o trabalho de uma professora do 5º ano que realizava com a turma, diariamente, um momento de leitura literária. As observações dessa prática possibilitaram perceber o compromisso da educadora com a formação de leitores e o modo como a literatura passou a fazer parte das práticas cotidianas das crianças. A análise dessas observações está sustentada no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989).

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas de Leitura. Literatura Infantil e Juvenil. Formação de Leitores.

*Children and literature: multiple enchantments*

## ABSTRACT

The literary reading is essential to and in the human formation, when reading the individual interacts not only with the written word, but with other experiences, and so, reading drives to the encounter with others

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: [fcventura@hotmail.com](mailto:fcventura@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade Estadual Paulista, UNESP, Rio Claro, SP, Brasil. E-mail: [lchaluh@rc.unesp.br](mailto:lchaluh@rc.unesp.br)

and with himself. This paper is about a qualitative research, of ethnographic type, developed in a public school in the Municipal Education Network in the city of Rio Claro/SP. This research had as objective the analysis of the ways to address children and youth's literature in a classroom. In this article we share our experience going along the work of a teacher of the 5th year, who developed with the group, everyday, a moment of literary reading. The observations of this practice made it possible to realize the commitment of the educator with the formation of the readers and how literature has become part of everyday practices of those children. The analysis of these observations is sustained in the evidential paradigm (GINZBURG, 1989).

**KEYWORDS:** Reading Practice. Children and youth's literature. Readers formation.

\* \* \*

### **Primeiras palavras**

A saber, a literatura existe há milênios, é criação humana, utiliza-se da linguagem, é palavra-arte que compõe a cultura de um povo, sendo assim, a leitura literária é essencial para e na formação humana.

Ao ler e ouvir histórias o indivíduo interage não apenas com a palavra escrita, mas com outras experiências, com outras existências, de modo que a literatura pode conduzir ao encontro com os outros e consigo mesmo.

No que concerne a Literatura Infantil e Juvenil brasileira, essa desenvolveu-se muito atrelada à Educação, por isso, durante certo tempo, os textos literários foram escritos com a finalidade de ensinar, instruir e moralizar, sendo utilizados nas escolas, em sua maioria, visando mais aos aspectos didáticos que aos estéticos e artísticos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). Dessa forma, a literatura poderia não exercer sua real função, a de despertar o prazer e a fruição ao leitor.

Cabe destacar que a literatura voltada às crianças e aos jovens foi, ao longo da história, se desprendendo dos temas educativos e conservadores, assim, foram surgindo novos escritores e novas obras, com variedade de

temáticas mais próximas ao universo infanto-juvenil. Apesar disso, vários autores, como Soares (2007), apontam que no contexto atual ainda ocorrem, em algumas escolas, atividades com leitura literária que pretendem, exclusivamente, ensinar conteúdos de áreas diversas como, por exemplo, de gramática e de interpretação de texto.

Certamente, é necessário que a literatura infantil e juvenil no âmbito escolar seja abordada, em primeiro lugar, contemplando a sua especificidade estética e artística, pois desse modo, contribuirá de fato para a formação de leitores literários, não só para a escola, mas para a vida.

Nesse aspecto, cabe uma ressalva, a leitura literária na escola não deve se restringir ao ensino da Língua Portuguesa e da Literatura (sendo essas disciplinas específicas), por sua vez, deve integrar as práticas culturais de leitura e de escrita, as quais podem e devem acontecer para além de qualquer disciplina.

É necessário dizer que este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado (VENTURA, 2016) que teve uma abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), do tipo etnográfico, com objetivo geral de analisar os documentos, os espaços e os momentos dedicados à literatura infantil e juvenil em uma escola de Ensino Fundamental I, da Rede Municipal de Ensino, da cidade de Rio Claro (SP). Para este artigo discorreremos apenas sobre um dos objetivos específicos que foi analisar as formas de abordagem da literatura infantil e juvenil em uma sala de aula, no caso uma turma de 5º ano.

No que concerne à análise dos dados, essa ocorreu a partir das observações, das entrevistas e dos registros feitos no caderno de campo da pesquisa. Tal análise está sustentada no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), o qual procura por meio de pistas, sinais, indícios, desvelar detalhes considerados irrelevantes e marginais, porém, esses podem ser de extrema importância para elucidar as questões investigadas.

## Literatura Infantil e Juvenil em sala de aula

Em primeiro lugar, compreendemos ser pertinente fazer alguns apontamentos sobre o prazer e a fruição que uma obra literária pode provocar no leitor:

*Texto de prazer:* aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. *Texto de fruição:* aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2006, p. 20, grifos do autor).

É possível inferir que o texto de prazer está mais relacionado ao deleite, ao bem-estar, ao encanto suscitado pelas palavras; já o texto de fruição relaciona-se a ruptura, ao imprevisto, ao novo, a (re) invenção oportunizada pelas palavras. Barthes (2006, p. 28) salienta que “[...] o prazer é dizível, a fruição não é”, ou seja, o prazer é contentamento - passível de expressão; e a fruição é desvanecimento, o que fica nas entrelinhas, no mistério do que se passou entre leitor e texto, na suspensão do dito - no indizível. Assim, entre textos, o leitor caminha em meio ao prazer e a fruição, pois, numa mesma leitura é possível sentir ambos.

Sobre a relação autor-texto-leitor, Geraldini (2006, p. 91) esclarece que o “[...] autor se dilui nas leituras de seu texto”, uma vez que, cada leitor reconstrói o texto e é por meio da leitura que esse ganha vida.

Nesse sentido, discorreremos a seguir sobre o modo como os livros ganharam vida na sala de aula do 5º ano. Cabe destacar que as observações ocorreram durante quatro meses, no total de 16 dias, sendo que as visitas eram semanais (todas as quartas-feiras), nas quais o foco estava no

momento de leitura literária. Nesse a professora Lygia<sup>3</sup> lia para e com os alunos<sup>4</sup>, sendo que os livros eram selecionados por ela ou indicados pelos educandos. Descrevemos a seguir os procedimentos utilizados pela professora no momento de leitura.

Para a organização do ambiente de leitura Lygia deslocava sua cadeira até o centro da sala, para que todos os alunos pudessem vê-la e ouvi-la melhor, solicitava às crianças que fechassem as janelas, a fim de evitar o barulho vindo da quadra, então para dar início à leitura, apresentava a obra, mostrava a capa, lia a sinopse, o nome do autor e do ilustrador, indagava a turma acerca do que imaginavam que iria acontecer na história, em seguida, ouvia atentamente os comentários dos educandos. Durante a leitura a educadora lia com entusiasmo e emoção, dava entonações diferentes em alguns trechos, de acordo com a personagem e a situação, fazia pequenas pausas para mostrar as ilustrações e ouvir algum apontamento da turma. Para a continuação da leitura, como, geralmente, selecionava livros de várias páginas, assim prosseguia a leitura da mesma obra por alguns dias, por conseguinte, perguntava as crianças quem recordava onde haviam interrompido a leitura do dia anterior, ouvia os comentários, acrescentava alguma observação e avançava na leitura. Ao término da leitura completa de uma obra, a educadora perguntava a turma quem queria comentar algo sobre a história e vários educandos levantavam as mãos para falar, Lygia ouvia a cada um.

Por meio dos procedimentos desenvolvidos pela professora, destaca-se a preocupação em criar um ambiente agradável de leitura, desde os mais simples detalhes, como fechar as janelas para evitar os ruídos vindos de fora. Também destaca-se o cuidado da educadora ao apresentar o autor e o ilustrador dos livros, ler as sinopses, a fim de mostrar a obra como um todo. É válido dizer que, ao questionar as crianças a respeito do que achavam que

---

<sup>3</sup> Nome fictício. A professora Lygia assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, portanto autorizou o uso de suas falas e escritas.

<sup>4</sup> 25 alunos, na faixa etária de 10 a 12 anos, os nomes desses também são fictícios.

iria acontecer na história, Lygia intencionava despertar a curiosidade por meio da antecipação, assim, convidava todos a leitura. Além disso, no decorrer da leitura a educadora dava atenção especial à entonação, com intuito de envolver as crianças na história. Já quando questionava a turma, sobre quem recordava onde haviam interrompido a leitura, era um modo de retomar a narrativa, através da ótica das crianças. Ressalto que, ao fim da leitura, Lygia convidava as crianças ao diálogo, a partilha das sensações, das impressões, de um modo gratuito, sendo que na escuta atenta dos comentários de cada um, ela demonstrava respeito, possibilitando assim a expressão da subjetividade.

A seguir, apresentamos a relação das obras lidas em sala de aula, no período observado.

**1) Diário de um Banana** (vol. 1): um romance em quadrinhos de Jeff Kinney. Tradução: Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Vergara & Riba, 2008 (218 páginas). Livro do acervo da escola. Leitura sugerida pela professora Lygia.

**2) Chapeuzinho Adormecida no País das Maravilhas**, de Flávio de Souza. Ilustração: Jotáh. São Paulo: FTD, 2009 (72 páginas). Livro do acervo da escola. Leitura sugerida pela professora Lygia.

**3) Drácula**, de Bram Stoker/ texto adaptado Roberto Belli. Ilustrações: Belli Studio. São Paulo: TodoLivro, 2012 (40 páginas). Livro do acervo da aluna. Leitura sugerida pela aluna Tatiana.

**4) Um gosto de quero mais**, de Sonia Solerno Forjaz. Ilustrador: Ricardo Dantas. São Paulo: FTD, 2001 (160 páginas). Livro do acervo da escola. Leitura sugerida pela professora Lygia.

**5) O sábio ao contrário**: A história do homem que estudava puns/ Ricardo Azevedo: projeto gráfico e desenhos do autor. São Paulo: Editora do Brasil, 2014 (80 páginas). Livro do acervo da escola. Leitura sugerida pela professora Lygia.

**6) O grande livro do medo**: 20 + 1 histórias de aterrorizar/ adaptado de Xavier Valls. Tradução: Eduardo Brandão. Ilustração: Pedro Rodriguez. São

Paulo: Girafinha, 2006 (108 páginas). Livro do acervo da professora. Leitura sugerida pelos educandos.

7) **Como fazíamos sem**, de Bárbara Soalheiro. Ilustrador: Negreiros. São Paulo: Panda Books, 2006 (144 páginas). Livro do acervo da escola. Leitura sugerida pela professora Lygia.

8) **Kelly Martoer e o mistério do rei**, de Natália Azevedo de Carvalho. Ilustração: Jótah. São Paulo: FTD, 2006 (71 páginas). Livro do acervo da escola. Leitura sugerida pela aluna Clarice.

Nota-se a diversidade de obras lidas, como diário em quadrinhos, contos de fadas moderno, contos clássicos, contos de terror, romances de aventura e outros, além de um livro de curiosidades que traz informações de forma mais próxima a uma narrativa.

Em entrevista (4 de novembro de 2014), Lygia ressaltou que buscava apresentar uma variedade de obras, não só, mas também, com o intuito de ampliar o repertório literário das crianças. Quando perguntado como selecionava os livros, ela disse:

*Buscando os mais adequados à faixa etária, pois foi isso que surtiu efeito. Eu escolho livros variados, como o 'Diário de um Banana', li o número um, até pensei em dar sequência, mas vi que o interesse deles foi crescendo, então pensei em outra estratégia, ao invés de ler todos e ficar presa nisso, falei para eles: não vou ler toda a sequência, quem ficou interessado pode buscar ler em casa, a partir do número dois, podem emprestar, ou comprar e trocar entre vocês... E foi o que aconteceu em alguns grupos, eles leram, compraram e trocaram, tem uns que já estão no número quatro, outros no número cinco e continuam lendo... Então falei para eles que o barato da leitura era esse, dá para viajar por diversos mundos, então não deviam ficar presos só num tipo de texto que fosse o diário, eu percebi o interesse crescente deles pelo diário, daí eles queriam só livros com diário, então falei: mais aí vocês tem que perceber que não tem só o diário, se não cai naquilo - a escola,*

*às vezes, só põe um tipo, agora vocês vão querer ficar só no diário...  
Por isso, eu fui mesclando os livros com o passar do tempo  
(Entrevista com Lygia, 04/11/2014).*

A educadora ressalta que a seleção ocorria contemplando uma diversidade de livros, também que considerava a faixa etária dos educandos e o interesse dos mesmos.

Nesse sentido, é válido destacar os dizeres de Chartier (1998):

Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e pensar (CHARTIER, 1998, p. 103-104).

O autor destaca que a escola deve considerar as “leituras selvagens” (as quais escapam das rédeas do professor), já que tais leituras podem ser um meio de instigar a procura por outras, de modo a ampliar o repertório do leitor. Assim, pode-se observar que Lygia não hierarquizava os livros escolhidos pelos alunos, isto é, sabia acolher uma diversidade de obras e leituras.

Ainda sobre a fala da professora destaca anteriormente, nessa Lygia evidencia que a leitura é um meio de viajar por diversos mundos, por isso percebe-se o seu envolvimento com a leitura, e ainda mais, o desejo de



instigar as crianças a buscarem outros livros, outras histórias, outras viagens.

Destacamos a seguir alguns trechos do caderno de pesquisa que foram feitos a partir das observações no 5º ano.

*Para a leitura do livro ‘Diário de um Banana’ a professora mostrou-o a turma, leu a sinopse, falou o nome do autor, ressaltou que o livro foi traduzido para a Língua Portuguesa, por isso, os nomes das personagens são diferentes dos nomes brasileiros, perguntou sobre o título do livro de modo a convidar as crianças a leitura, indagou-as: por que vocês acham que o livro tem este título? As respostas da turma foram: porque ele come muita banana; porque ele parece um banana; porque ele é molenga, bobão etc. Na leitura, vamos descobrir o motivo desse título, disse a professora (Caderno da pesquisa, 20/08/2014).*

*[...] quando o Greg sentiu vergonha, pois seu irmão pequeno lhe chamou pelo apelido em público, os alunos disseram que já vivenciaram situações semelhantes e conhecem quem já passou por isso. A leitura prosseguiu, foi nítido perceber o quanto as crianças se identificaram com diversas circunstâncias que aconteciam com o personagem, desde situações mais simples até mais complexas, como preguiça de acordar cedo aos sábados, vergonha de estar com um amigo que se comporta como um bebê, vontade de ser popular na escola, angústia de ser ridicularizado pelo irmão mais velho e em público (Caderno da pesquisa, 27/08/2014).*

Nesses trechos é possível notar os procedimentos utilizados por Lygia no momento da leitura, como a atenção ao apresentar a obra como um todo, o convite para as crianças levantarem hipóteses sobre o livro, a abertura ao diálogo e a escuta. Vale dizer que as crianças se identificaram com algumas personagens e situações vivenciadas em o “Diário de um Banana”. Assim, a

leitura proporcionou aos educandos se aproximarem das personagens e repensarem algumas de suas experiências.

*[...] No momento de leitura a professora deu sequência ao livro “Diário de um banana” [...] Terminada a leitura Lygia perguntou quem queria comentar algo, então a Cecília disse “O Greg é otimista, pois ele viu um lado bom em ter ficado com o toque do queijo”; o Carlos disse “O Rowley deveria ter dito que os quadrinhos foram feitos pelo Greg também”; a Rachel disse “Foi errado o Greg ter mentido sobre o queijo, mas isso acabou ajudando o Rowley”, e a professora disse “Em algumas situações que o Greg quis se sair bem, levar vantagem, ele acabou se dando mal” [...] A educadora comentou com as crianças “Notei que vários de vocês estão emprestando livros da escola, isso é muito bom!” Nesse momento, o Vinícius pediu a professora que indicasse uma lista de livros “legais” para ele pegar no carrinho de leitura (achei isso fantástico!), ela respondeu que ia dar uma pesquisada, mas poderia indicar sim. O Manoel comentou com a professora e com a turma que leu o livro “O oceano no fim do caminho”, disse que “É uma história bem legal, no começo achei que não ia gostar, mas fui lendo e acabei gostando, é a história de um homem que vivia no mar e começa a se lembrar de quando era mais novo e então vai recordando de algumas histórias”, a Cecília aproveitou para comentar que terminou de ler “A gota d’água” da sequência do “Diário de um banana”, disse que “É bem legal, nesse livro o Greg gosta de uma menina” (Caderno da pesquisa, 03/09/2014).*

É possível perceber como as crianças e, também, a professora se expressavam a respeito da leitura, além disso, Lygia incentivava a turma a falar, tanto que os educandos, Manoel e Cecília, compartilharam com a classe acerca dos livros que estavam lendo em casa.

*Neste dia a professora deu continuidade a leitura do livro “Drácula” de Bram Stoker, que foi sugerido pela Tatiana [...] Durante a leitura as crianças faziam alguns comentários: “Ah! Meu Deus!” disse o Carlos, quando uma das personagens adoeceu novamente; “Ah! Professora, já sei o que vai acontecer!” disse o Vinícius; “Eu já sei quem era!” disse Clarice no trecho que menciona as marcas no pescoço da personagem. A educadora ouvia, mostrava as imagens e prosseguia a leitura [...] Perguntei a Lygia sobre o livro, ela comentou que é uma adaptação para o público infanto-juvenil, mas que é bem parecido com a versão original, pois ela já leu (Caderno da pesquisa, 17/09/2014).*

Nota-se nesse excerto que os educandos não eram apenas ouvintes, mas leitores ativos e participantes. Ainda, percebe-se que Lygia já tinha familiaridade com a história lida, pois lera em outra ocasião.

*Nesse dia a professora deu continuidade a leitura do livro “O sábio ao contrário”, terminada a leitura, a aluna Clarice pediu a professora: “Lê agora a história do Gato Preto?”, seguida por outros que também pediram. A professora explicou as crianças, que faltaram no dia anterior, que o professor de Inglês comentou com a turma sobre essa história, mas não leu, então alguns alunos ficaram interessados e curiosos e pediram para ela ler. Lygia mostrou a capa “O grande livro do medo”, falou que foi escrito por vários autores e o conto que ia ler foi escrito por Edgar Allan Poe, acrescentou que gosta muito desse autor e que já leu várias de suas histórias. Antes da leitura e durante as crianças demonstravam envolvimento por meio de exclamações e comentários: “Ai, credo! É de terror?” disse Vinícius; “Coitado do gato!” disse Rachel; “Ah! Termina assim?”, disse Manoel; “Pró, lê mais histórias desse livro?” solicitou Clarice; “Ai, nem é de terror” concluiu Vinícius; “Professora, empresta esse livro pra mim?” pediu Carlos (Caderno da pesquisa, 15/10/2014).*

Aqui há uma cena singela, o pedido para que a professora lesse o conto que outro professor apenas citou, mas não leu, assim Lygia fez a leitura em resposta a empolgação e a curiosidade da turma, sendo que, ao final da leitura, a aluna Clarice solicitou “*Pró, lê mais história desse livro?*” e o aluno Carlos pediu o livro emprestado.

É nítido observar que o diálogo atravessava todo o momento de leitura, além disso, a professora compartilhava com a turma de suas experiências pessoais, isto é, ao comentar que aprecia o autor do conto lido, ela partilha com os educandos o seu prazer em ler. Nesse aspecto, o escritor Bartolomeu Campos de Queirós (2011, s/p) diz que “Muitas vezes, a literatura serve de elo [...] A literatura pode ser um espaço bonito do reencontro, da conversa, do deslanchar para outras coisas, para outras confidências”.

*[...] Finalizada a leitura do livro “Sábio ao contrário” as crianças bateram palmas. A professora indagou: será que toda essa história do sábio e do pum, é só para falar disso, o que vocês acham? Vários alunos comentaram sobre, disseram: “Cada pessoa é diferente uma da outra, mas devemos tratá-las igual” disse Marina; “É, sem diferença de rico e pobre” acrescentou Mário; “Às vezes, as pessoas estão tristes, às vezes, feliz, todo mundo passa por isso” disse Rachel; “Não é a aparência que importa” disse Bartolomeu. Aproveitando as falas Lygia acrescentou: “E se todas as pessoas se tratassem como iguais, vocês acham que alguns problemas seriam resolvidos?”, as crianças comentaram: “Sim, acabariam as desigualdades” destacou Tatiana; “Não teria mais pobreza e fome no mundo”, disse Carlos; “Também acabariam as guerras”, afirmou Vinícius (Caderno da pesquisa, 22/10/2014).*

No dia relatado um fato nos chamou bastante a atenção – os aplausos ao término do livro (que também ocorreram em outros dias). Acerca disso Lygia disse que: “*Me espantei a primeira vez que terminei a leitura do livro*

*e eles bateram palmas (risos), mas é a demonstração do quanto eles gostaram”* (Entrevista com Lygia, 04/11/2014). Então, palmas para a professora, palmas para as crianças, palmas para esses leitores que se aventuraram na experiência criadora da leitura.

É válido esclarecer que, quando a professora indaga a turma se acham que há algo mais na história do sábio e do pum, ela não pretendia direcionar a resposta, todavia, intencionava perceber o que ficou da narrativa para cada criança, isto é, como experienciaram a leitura. Nesse sentido, as falas das crianças dizem por si só o quanto e como a história alcançou-as.

Boas narrativas e bons poemas, sem trair a perplexidade e a confusão dos sentimentos e desejos humanos, são matrizes de reflexões sobre a vida. Podem nos levar a reconhecer, apreciar e até reformular as experiências que temos (CADEMARTORI, 2012, p. 63).

Por certo, Lygia promovia a leitura possibilitando aos educandos vivenciarem múltiplas experiências, pois por meio das observações notamos que as crianças foram tocadas, atravessadas, pelos livros e pelas histórias.

A cumplicidade entre leitores desvelou-se como ponto crucial para o “sucesso” do momento de leitura literária no 5º ano. Tal cumplicidade existia entre Lygia e os educandos não só no momento de leitura. Assim, durante a pesquisa, foi possível observar que as crianças nutriam respeito e afeto pela educadora, sendo que conversavam com ela em diversas situações, partilhando histórias pessoais, desse modo, o carinho, também, era retribuído pela educadora. Nas palavras de Freire (2011):

[...] esta abertura ao querer bem é a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade* (FREIRE, 2011, p. 138, grifos do autor).

O 5º ano era transpassado e (trans)formado pela afetividade ali presente, e isso não diminuía a seriedade e o compromisso de Lygia com o saber e o fazer pedagógico.

Por fim, revelamos que o trabalho de Lygia com a literatura nos encantou demais, por isso, nos referiremos a ela como professora-inspiradora.

Afinal, o que acarreta um trabalho significativo com a literatura em sala de aula? O rompimento dos muros da escola... É assim que a literatura conquista outros espaços!

Apresentamos, a seguir, os poemas “Retr(ato) de leitura” e “Flagrante de leitura”, produzidos pela primeira autora deste trabalho. Nos versos estão evidenciados momentos singulares que dizem do envolvimento das crianças com a leitura.

#### RETR(ATO) DE LEITURA

Vejo uma fila de crianças  
Num burburinho só  
Elas aguardam a entrada...  
Duas delas, figuras já conhecidas,  
Despertam-me a atenção  
Aguço o olhar, apuro a audição  
Percebo: versam sobre leituras  
Vinícius mostra um livro  
A Clarice - que sorri e procura  
Um livro em sua bolsa  
Ali, distraídos folheiam páginas e páginas...  
Só que o sino toca, chamando-os de volta  
Fotografo essa cena: no pátio  
Entre a agitação de corpos e vozes  
Dois leitores serenos

Tem nas mãos objetos de entreter...

(VENTURA, 2016, p. 92).

Essa conversa na fila revela outras leituras que as crianças faziam, além dos livros lidos em sala de aula. Também revela a amizade na leitura e a cumplicidade entre leitores.

#### FLAGRANTE DE LEITURA

A turma alegre adentra a sala  
 Que do vazio anterior  
 É preenchida com múltiplos sons  
 A diversão logo começa  
 Risada à beça  
 De mão em mão há literatura  
 Capto esse momento:  
 A brincadeira que salta  
 Do livro para a vida.  
 (VENTURA, 2016, p. 92).

Certamente, quando as crianças transportaram a brincadeira do “toque do queijo” (do livro “O diário de um Banana”) para a realidade, percebe-se o quanto a história lida em sala de aula extrapolou o momento de leitura, fazendo parte do assunto dos educandos em outras ocasiões.

É válido destacar a fala de Lygia, quando contou sobre o retorno que a mãe de um de seus alunos lhe deu:

*Porque quando os pais vieram eu tive o retorno deles, aí foi o máximo! (risos) Eles chegaram à sala e vieram agradecer pelo fato dos filhos estarem interessados em ler, aí a mãe do Vinícius falou: “o que você está fazendo com meu filho?”, eu falei “como assim?”, ela disse “porque até ano passado era uma luta em casa para fazer ele ler qualquer tipo de livro, falava, Vinícius você tem que ler e o*

*Vinícius nada, não queria, este ano ele chegou a me pedir um livro de presente de dia das crianças, então o que aconteceu?”, eu falei “é que faço a leitura todos os dias, estímulo, busco conversar sobre a importância, eles já tem consciência e sabem que vai acompanhar o resto da vida” (Entrevista com Lygia, 04/11/2014).*

A professora enfatiza que conversar com os pais foi importante para compreender a proporção que a leitura ganhou na vida de algumas crianças, no caso a mãe do Vinícius evidenciou o quanto o filho mudou em relação ao ato de ler. Certamente, quando a mãe dizia ao filho (na melhor das intenções) que ele tinha que ler, isso não era o suficiente para despertar o interesse, que só se desenvolveu com a leitura em sala de aula, a qual contemplava a gratuidade.

*Essa mãe (a do Vinícius), também, me falou que outros alunos da sala vão a casa dela, às vezes, num domingo à tarde, cada um com um livro (risos), eles fazem como se fosse um clube do livro, sentam e leem e leem os livros, também trocam entre eles... A mãe disse que era tanto que estava até ficando preocupada, porque era o tempo todo o filho querendo ler, aí eu falei para ela que é natural, porque agora que despertou o interesse e ele quer correr atrás do tempo que perdeu... Eu via o resultado dentro da sala, mas não sabia como era extraclasse, isso é o máximo! (Entrevista com Lygia, 04/11/2014).*

Nota-se que o trabalho realizado pela professora-inspiradora, por meio do momento de leitura diária, impulsionou as crianças a sentirem vontade de ler em outros momentos, não se restringindo apenas a escola.

[...] ao preservar o espaço do encanto e da liberdade inerentes à boa leitura, o professor, sob o manto de aparente gratuidade e desinteresse, transformará o aluno, levando-o à autonomia leitora



e ao processo de construção de sentidos (BURLAMAQUE, 2006, p. 84).

Por certo, quando algumas das crianças do 5º ano passaram a se reunir no clube do livro, para trocarem leituras, conquistaram a autonomia leitora. E revelaram, novamente, a importância da cumplicidade da e na leitura.

A amizade consiste em haver sido mordidos e feridos pelo mesmo, haver sido inquietados pelo mesmo. Por isso, não poderá entrar na comunidade cúmplice dos leitores aquele que não tenha sentido a mordida do texto. E, também por isso, aquele que tenha sido mordido não quererá falar com ninguém que não tenha passado pelo mesmo que ele passou. E se a condição de professor é que já tenha sido mordido, não será isso – a cumplicidade dos mordidos, dos envenenados, dos que compartilham a mesma mania e o mesmo delírio (LARROSA, 2004, p. 145).

Afinal, o que se passa quando crianças e livros se encontram? Passam muitas histórias, onde nascem e renascem sentimentos, afetos, novos olhares e encantamentos.

Pennac (2011, p. 104) considera que o professor não é “[...] mais do que uma casamenteira. Quando é chegada a hora, é bom que ele saia de cena na ponta dos pés”. Assim, Lygia reuniu crianças e livros e saiu “na ponta dos pés”.

### **Tecendo algumas considerações**

Vale dizer que a prática da professora-inspiradora proporcionou aos educandos experimentar a literatura como fonte de prazer e fruição, isso porque Lygia concebia a literatura como uma prática cultural que deve se dar além da escola; deve se dar na vida.

Nesse aspecto, Lygia mostrou-se uma ótima mediadora, ao criar em sala de aula um ambiente de interação e cumplicidade na leitura que abriu

caminhos para que as crianças desejassem mais, tanto que algumas passaram a se reunir no “clube do livro”.

Diante disso, o momento de leitura desenvolvido pela educadora confirma uma prática singular construída a partir de muita observação e dedicação, Lygia possibilitou o encontro das crianças com a literatura, o que despertou múltiplos encantos, convidando a turma a sonhar e a viver.

Por certo o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) propiciou olhar para as sutilezas, para os detalhes e para as peculiaridades daquela sala e aula, de modo que foi possível captar a relação entre a professora e a turma que se dava como uma relação entre leitores, por meio da partilha de histórias, sorrisos e exclamações, aí residia a cumplicidade e a amizade da e na leitura.

Concordamos com a afirmação de Cândido (1995) de que a literatura é um bem inalienável e necessário ao ser humano. Portanto, é função da escola democratizá-la, igualmente, é tarefa de toda a sociedade exigir junto ao poder público o direito de usufruir desse bem cultural tão indispensável. E é uma decisão política garanti-lo ou negá-lo, afinal que país nossos governantes e nós queremos? Nós, certamente, queremos um país de leitores, não só para a escola, mas para a vida! Que leiam a palavra e o mundo!

## Referências

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução: J. Guinsburgl. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação Qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. (Orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

CADEMARTORI, L. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

- CÂNDIDO, A. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun*. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 2007.
- LARROSA, J. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PENNAC, D. *Como um romance*. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- QUEIRÓS, B. C. de. *Entrevista para o Jornal Literário Rascunho em 7 de junho de 2011*. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/bartolomeu-campos-de-queiros/>> Acesso em: 20 de Ago. 2016.
- SOARES, M. A escolarização da literatura infanto-juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). *Escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- VENTURA, F. C. *Literatura Infantil e Juvenil na escola: encontros e encantos*. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro.

Recebido em janeiro de 2017.

Aprovado em janeiro de 2018.